

## CERIMÔNIA DE INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO EM HOMENAGEM A PATRULHA DO SGT MAX WOLFF FILHO

Realizou-se neste Estabelecimento de Ensino, em 21 Agosto de 2007, no bojo das comemorações do 62º Aniversário de Criação da Escola de Sargentos das Armas – Escola Sargento Max Wolff Filho -a solenidade de inauguração do monumento em homenagem à patrulha do Sargento Max Wolff Filho.

A cerimônia foi presidida pelo Exmo Sr Gen Bda **Araken** de Albuquerque, Comandante da EsSA, e contou com a presença dos ilustres convidados Sra Hilda Della Nina, filha do Sargento Max Wolff Filho, seu esposo Eduardo Della Nina, do bisneto do Sargento Max Wolff Filho, o jovem Thales Della Nina e os seguintes ex-pracinhos da FEB:

- Maj Ivan Esteves Alves e Cap Ary Roberto de Abreu da Associação Regional de Veteranos da FEB de São João Del Rei;

- Sr Sebastião Pinto Ribeiro, residente na Cidade de Cristina-MG; e

- Sr Manoel Vilas Boas e Sr João Batista Carneiro, ambos residentes em Três Corações-MG.

A solenidade contou, também, com a participação de representações do EMG, dos cursos do CA, das SU do BCSv e dos Servidores Civis desta Escola.

O monumento é constituído por 09 (nove) esculturas, entre elas a do Sgt Max Wolff Filho, que foram esculpidas pelo artista tricordiano Afonso Barra.

Foi lido pelo Al Tiago **Mendonça** dos Santos, do Curso de Infantaria, o alusivo que se segue e que está materializado em uma placa de metal aposta a frente do monumento, juntamente com uma outra placa de metal constituída da fotografia da patrulha do Sgt Max Wolff Filho antes do cumprimento de sua última missão.

### A PATRULHA DO SARGENTO MAX WOLFF FILHO

Durante a 2ª Guerra Mundial, a atuação de pequenas frações táticas muito contribuiu para o sucesso alcançado pela Força Expedicionária Brasileira na sua vitoriosa trajetória em solo italiano. Atuando em proveito da manobra dos escalões superiores, grupos de combate conduziram variadas missões típicas de patrulha, seja infiltrando-se através das posições inimigas para colher informações, seja degradando o poder de combate alemão por meio de ações ofensivas. Nessas missões de combate sobressaíram atos de coragem, liderança e iniciativa.

No dia 12 de abril de 1945, como prelúdio à conquista de Montese, o 11º Regimento de Infantaria enviou patrulhas para reconhecer a região de Monte Forte e Biscaia. Uma delas era comandada pelo 2º Sgt Max Wolff Filho. Ao atingir um casario, a patrulha foi surpreendida por intensos fogos de armas automáticas. Retraindo para uma posição abrigada, os pracinhos constataram que a única baixa decorrente da ação inimiga havia sido seu comandante, ferido mortalmente na altura do peito. Bravo entre os bravos, o Sgt Wolff deslocava-se, ao ser atingido, à frente de seus homens.

Por ato do Sr Comandante do Exército, assinado a 23 de abril de 2007, a Escola de Sargentos das Armas, cuja missão precípua é formar os líderes de pequenas frações da Força Terrestre brasileira, recebeu a denominação histórica *Escola Sargento Max Wolff Filho*. Dessa forma, a EsSA passa a ter, com orgulho, seu nome associado, indelevelmente, ao deste herói de guerra que personificou todos os atributos, as virtudes e os valores inerentes ao sargento combatente do Exército Brasileiro.

A representação à frente retrata o grupo de combate do 2º Sgt Wolff momentos antes de partir para o cumprimento de sua missão. O monumento busca reproduzir no terreno a derradeira imagem da Patrulha do Sgt Max Wolff Filho e materializa a justa homenagem dos integrantes da EsSA a seu patrono, herói maior da Força Expedicionária Brasileira.

Três Corações, 21 de agosto de 2007.

62º Aniversário da EsSA

**Síntese da biografia do 2º Sargento Max Wolff Filho**

Nascido em Rio Negro - PR, em 29 de julho de 1911, era filho de Max Wolff, descendente de alemães e de D. Etelvina, natural de Lapa-PR. Até os 4 (quatro) anos viveu as tensões da Guerra do Contestado. Aos 5 (cinco) anos, durante a Primeira Guerra Mundial, freqüentou a escola em Rio Negro (PR). Aos 11 (onze) anos já era o principal auxiliar de seu pai na torrefação e moagem de café. Aos 16 (dezesseis) anos passou a trabalhar como escriturário de uma companhia que explorava a navegação no Rio Iguaçu. Nas horas de folga, juntava-se aos carregadores para ensacar erva-mate, carregar e descarregar vapores.

Serviu ao Exército pela primeira vez, se alistando no então 15ºBC, em Curitiba, hoje 20ºBIB, onde participou da Revolução de 1930. Transferido para o Rio de Janeiro, combateu a Revolução de 1932 no Vale do Paraíba. Foi professor de Educação Física e Defesa Pessoal. Ingressou na Polícia Militar do Rio, então Distrito Federal, sendo Cmt da Polícia de Vigilância.

Na época da 2ª Grande Guerra Mundial, apresentou-se voluntariamente, tendo sido designado para a 1ª Cia, do 1ºBtl do já tradicional 11ºRegimento de Infantaria, em São João Del Rei. Contava ele com 33 (trinta e três) anos de idade.

Ingressou na FEB como 3º Sargento, desde cedo tornou-se muito popular e querido, dada as suas atitudes desassombradas e a maneira carinhosa e paternalista com que tratava seus subordinados (apelidado de carinhoso) com o passar do tempo, passou a ser admirado não só pelos seus camaradas, mas pelos superiores tanto da FEB como do V Exército de Campanha americano, pelas suas inegáveis qualidades.

Todas as vezes que se apresentava para missões difíceis a serem cumpridas, lá estava o Sgt Wolff se declarando voluntário, principalmente participando de patrulhas. Fazia parte da Companhia de Comando e, portanto, sem estar ligado diretamente às atividades de combate, participou de todas as ações de seu Batalhão no ataque de 12 de dezembro a Monte Castelo, levando, de forma incessante, munição para a frente de batalha e retornando com feridos e, na falta deste, com mortos. Indicado por sua coragem invulgar e pelo excepcional senso de responsabilidade, passou a ser presença obrigatória de todas as ações de patrulha de todas as companhias, como condição indispensável ao êxito das incursões. Um desses exemplos está contido no episódio em que o General Zenóbio da Costa, ao saber do desaparecimento do seu Ajudante-de-Ordens, Cap João Tarciso Bueno, que fora colocado à disposição do escalão de ataque, pelo General, por absoluta falta de recompletamento de oficiais, ordenara ao Cmt do Btl que formasse uma patrulha para resgatar o corpo do seu auxiliar. O Cmt adiantou ao emissário que a missão seria muito difícil, mas que tentaria. Para tanto, sabedor que só um Wolff poderia cumpri-la, o chamou, deu a ordem e ouviu do Sgt Wolff, com a serenidade, a firmeza e a lealdade que só os homens excepcionalmente dotados podem ter: "Coronel, por favor, diga ao General que, desde o escurecer, este padioleiro e eu estamos indo e voltando às posições inimigas para trazer os nossos companheiros feridos. Faremos isto até que a luz do dia nos impeça de fazer. Se, numa dessas viagens, encontrarmos o corpo do Capitão Bueno, nós o traremos também". Não logrou o Sgt Wolff trazer o corpo do Cap Bueno que, apenas ferido, havia sido resgatado por um soldado, mas ainda lhe foi possível, naquela madrugada, salvar muitas outras vidas.

Tais qualidades o elevaram ao comando de um pelotão de choque, integrado por homens de elevados atributos de combatente, especializado para as missões de patrulha, que marcharia sobre o acidente capital "Ponto cotado 747", ação fundamental nos planos concebidos para a conquista de Montese. Foi-lhe lembrado sobre a poupança da munição para usá-la no momento devido, pois, certamente, os nazistas iriam se opor à nossa vontade. Foi-lhe aconselhado que se precavesse, pois a missão seria à luz do dia. Partiu às 12 h de Monteporte, passou pelo ponto cotado 732 e foi a Maiorani, de onde saiu às 13:10h para abordar o ponto cotado 747. Tomou, o Sgt Wolff, todas as precauções, conseguindo aproximar-se muito do casario, tentando envolvê-lo pelo Norte. Estavam a 20 metros e o Sgt Wolff, provavelmente, tendo se convencido de que o inimigo recuava, estando longe, abandonou o caminho previsto para, desassombradamente, à frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre seus ombros, alcançar o terço superior da elevação. O inimigo deixou que chegasse bem perto, até quando não podiam mais errar. Eram 13:15 h do dia 12 abril de 1945. O inimigo abriu uma rajada, atingindo e ferindo o comandante no peito que, ao cair, recebeu nova rajada de arma automática, tendo caído mortalmente também soldado que estava ao seu lado. Após esta cena, sucedeu-se a ação quase suicida de seus liderados para resgatar o corpo do comandante. A rajada da metralha inimiga rasgava um alarido de sangue. A patrulha procurava neutralizar a arma que calara o herói. Dois homens puxaram o corpo pelas pernas. Um deles ficou abatido nessa tentativa. O outro, esquelético e ousado, trouxe

Wolff à primeira cratera que se lhe ofereceu. Ali, mortos e vivos se confundiam. A patrulha, exausta, iniciava o penoso regresso às nossas linhas, pedindo que a artilharia cegasse o inimigo com os fogos fumígenos e de neutralização. Os soldados do Onze queriam, a qualquer custo, buscar o companheiro na cratera para onde tinha sido trazido, lembrando a ação que ele mesmo praticara tantas vezes. Queriam trazer o paciente artesão das tramas e armadilhas da vida e da morte das patrulhas. Foi impossível resgatá-lo no mesmo dia face a eficácia dos fogos inimigos, inclusive de Artilharia. O dia seguinte era a largada da grande ofensiva da primavera. O Sgt Wolff lá ficara para que estivéssemos presentes na hora da decisão.

Montese foi conquistada. Seu nome será sempre presente porque as grandes ações resistem ao tempo e são eternas.

Foi promovido "post-mortem" ao posto de 2º Tenente (Decreto Presidencial, de 28 Jun 45).

Deixou na orfandade sua filha Hilda, seu elevo e maior afeição de sua vida de soldado. Da Itália, escreveu a sua irmã Isabel, relatando seu orgulho em pertencer ao Exército Brasileiro e que, se a morte o visitasse, morreria com satisfação.

Foi homenageado com a distinção de ser agraciado com quatro medalhas: de Campanha; sangue do Brasil; Bronze Star (americana) e Cruz de combate de 1ª Classe.

Eis a síntese do heroísmo de um homem simples e valoroso.

Seus restos mortais encontram-se no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no jazido 32, quadra G.

#### BIBLIOGRAFIA

- Trinta anos depois da volta - Gen Octávio Costa
- Cinquentenário da morte em combate do Sargento Max Wolff Filho - Cel Claudio Moreira Bento
- Citações de combate do Sargento Wolff

Em consequência:

- o Chefe da DP providencie o devido registro no Livro Histórico da EsSA;
- o Ch 5ª Seção providencie a inclusão da atividade no "Aconteceu na EsSA" e a solicitação da divulgação da mesma no NE;
- o Cmt CA e do BCSv realizem no âmbito do Cursos e SU, respectivamente, a leitura da síntese da biografia do Sgt Max Wolff Filho; e
- os demais interessados tomem as providências decorrentes.

---

Publicado no Boletim Nr \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

---